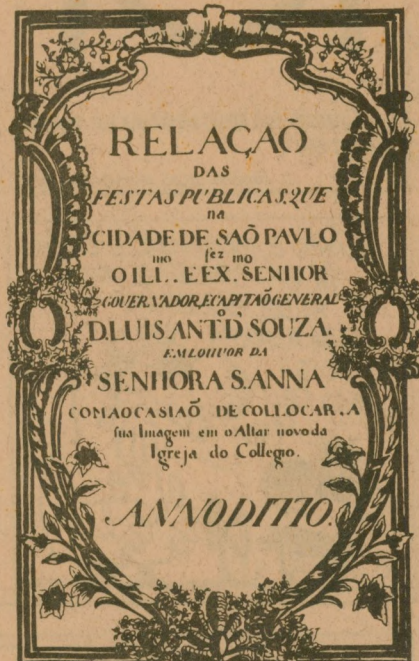


A devoção religiosa na São Paulo ainda colônia

NOGUEIRA MOUTINHO

O Museu de Arte Sacra está promovendo neste momento uma exposição que diz muito de perto respeito à vida religiosa de São Paulo, às tradições devocionais da gente paulista. Trata-se da mostra comemorativa do bicentenário da Proclamação de Sant'Ana Patrona da Diocese de São Paulo. Efetivamente, foi a 31 de maio de 1782 que o papa Pio 6.º, atendendo a instantes solicitações do Cabido e do Clero de Piratininga, assinou Decreto declarando "Sant'Ana, Mãe da Beatíssima Virgem, Patrona e Protetora da Cidade e Diocese de São Paulo". Esse ato pontifício vinha complementar as disposições da bula "Candor Lucis Aeternae", do papa Bento 14 que, em 1745, criando esta Diocese, lhe dava como padroeiros Nossa Senhora da Assunção e o Apóstolo sob cujo nome a aldeia fora fundada em 1554. Sant'Ana tornou-se assim, há dois séculos, a terceira patrona de São Paulo e é essa data que a mostra do Museu de Arte Sacra deseja comemorar e lembrar, reunindo uma bela coleção de imagens dela, pertencentes ao próprio acervo e cedidas por colecionadores. A devoção a Sant'Ana é, com efeito, muito antiga em São Paulo, estando documentada já no primeiro século da colonização: datado de 1548, um manuscrito assinado por Luís de Góis faz menção a "terras de Sant'Ana na Capitania de São Vicente". Em 1584, Alonso Pelais e sua mulher, Luísa de Siqueira Mendonça, fundam em sua fazenda de Acaará, em Bertioga, a primeira capela de Sant'Ana no Brasil, movidos pela leitura de que os devotos dela não perderiam o crédito nem teriam detrimento nos bens patrimoniais.

Uma filha desse casal, Ana de Siqueira Mendonça, casada com o capitão-mor Cipriano Tavares, erige mais tarde, em louvor da santa, nova capela em outro local das mesmas terras. Seu filho Francisco Tavares a aumenta e enriquece a tal ponto que a capela chega a ser provisionada pelos bispos do Rio de Janeiro — d. frei Francisco de São Jerônimo e d. frei Antônio de Guadalupe — com privilégios de batizados, casamentos e enterros. Mais tarde, criada já a diocese de São Paulo, seu primeiro titular, d. Bernardo Rodrigues Nogueira, anexou-a, conforme registra o historiador frei Gaspar da Madre de Deus, à igreja matriz de São Vicente. Entre 1592-98, Susana Dias, casada com Manuel Fernandes Ramos, erige, na fazenda que possuíam em Parnaíba — terras doadas pelo capitão-mor de São Vicente, Jorge Correia — uma igreja em honra da "bemaventurada Sant'Ana". Segundo a crônica da época, Suzana vira no final de seu nome o da mãe da Virgem Maria e teve a inspiração de fundar um templo sob a invocação de Sant'Ana. Em 1624, o casal, tronco dos "Fernandes Povoadores", enri-



Folheto de 1776 anuncia festas.

quece o templo com a doação de valiosas alfaías. Na relação dos participantes de uma "entrada sertanista" em 1596, um dos bandeirantes é designado como João de Sant'Ana. Em 1600 Brás Cardoso funda Sant'Ana de Moji das Cruzes, sob o padroado da mãe de Nossa Senhora. Logo depois, 1611, é criada a vila de Sant'Ana de Moji Mirim. E, na capital, o bairro mais importante da vertente direita do Tietê — Sant'Ana — tem seu nome derivado da fazenda incluída na sesmaria doada aos jesuítas em 1673 pelos herdeiros de Inês Monteiro, a "Matrona".

Toda essa tradicional devoção à mãe de Nossa Senhora alcança o apogeu, na época colonial, em grandes festas promovidas em agosto de 1770, pelo morgado de Mateus, dom Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão, governador e capitão geral da Capitania de São Paulo, "com a ocasião de colocar a imagem da Senhora Sant'Ana em a capela nova, que mandou fazer na igreja do Colégio desta cidade de São Paulo". O morgado de Mateus quis assim render graças à santa de sua particular devoção pela descoberta de minas de ouro no Tibagi (Paraná), então território da Capitania de São Paulo. Essas solenes festividades encerraram-se com uma sessão literária de que participaram os membros da Academia dos Felizes, entre os quais se encontrava frei Antônio de Sant'Ana Galvão, fundador do mosteiro da Luz. As composições poéticas lidas nessa assembléia foram transcritas em código hoje pertencente ao Instituto de Estudos Brasileiros, da Universidade de São Paulo.